

AGROBIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE: O ÉTHÓS SOCIOAMBIENTAL EM CONSTRUÇÃO

Prof. Dr. Alex Coltro¹

PALAVRAS-CHAVE: Sustentabilidade; Ética Socioambiental; Agroecologia

INTRODUÇÃO

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada em 1992 aprovou um documento denominado Agenda 21. Tal Agenda consolidou a idéia de que o desenvolvimento sócio-econômico e a conservação do meio ambiente devem constituir um binômio indissolúvel, que promova a ruptura do antigo padrão de crescimento econômico, tornando compatíveis duas grandes aspirações desse final de século: o direito ao desenvolvimento e o direito ao usufruto da vida em ambiente saudável pelas futuras gerações. .

Encarar de frente o problema da interação do conhecimento científico e tecnológico na superação dos obstáculos para a consolidação da Agrobiodiversidade enquanto base para uma sociedade sustentável requer novos paradigmas e um entendimento mais profundo sobre: os laços entre conhecimento científico, inovações técnicas e mudanças sociais em favor da sustentabilidade econômica, social e ecológica.

A agrobiodiversidade enquanto prática de uma sociedade sustentável, nos propósitos do manejo integrado dos recursos naturais, tecnológicos e culturais de uma sociedade, conduz à necessidade de compreensão das inter-relações dos processos históricos, econômicos, ecológicos, políticos e culturais e dos caminhos do desenvolvimento. Nesse sentido, a ciência e a tecnologia para o desenvolvimento sustentável incorporam o saber ecológico e antropológico ao saber técnico no caminho de uma agroecologia proeminente.

A aplicação progressiva e interdependente da base científica e tecnológica no sistema produtivo em favor do desenvolvimento sustentável lança as bases da confluência de projetos multidisciplinares para objetivos comuns. Novas problemáticas interdisciplinares infundem novas exigências de produção do conhecimento e sua aplicação no planejamento do desenvolvimento. A articulação entre os conhecimentos corresponde ao fundamento primeiro de um desenvolvimento científico capaz de

¹ **Prof. Dr. Alex Coltro.** ESALQ/USP Av. Pádua Dias 11 - Piracicaba/SP alcoltro@usp.br

responder aos problemas multidimensionais da sustentabilidade do desenvolvimento nacional sócio-econômico.

O que está em questão, portanto, é o desafio da inovação dos paradigmas científicos que obstaculizam as possibilidades de reorientação das práticas produtivas para o desenvolvimento sustentável. Essa compreensão orienta notadamente a relação entre ciência, tecnologia e sustentabilidade, e fundamentalmente os princípios éticos que conduzam a nova prática da produção de conhecimentos e da adoção de tecnologias com vistas a agrobiodiversidade sustentável.

DESENVOLVIMENTO

O marco teórico-conceitual da *Agroecologia* enquanto ciência cidadã repousa sobre uma premissa fundamental: deve vincular-se a uma modernidade ética, e não apenas a uma modernidade técnica.

A modernidade técnica faz dos meios fins em si, apoiando-se sobre critérios estritamente operacionais de causalidade eficiente e produtividade. Em contraposição, a modernidade ética tem como referência primordial o reconhecimento explícito de valores e finalidades extrínsecas aos critérios estritamente operacionais.

O princípio “sustentabilidade” pode ser o fundamento de uma modernidade ética. Esta perspectiva exige, pelo menos, três esclarecimentos básicos sobre: 1) o sentido de modernidade; 2) o sentido originário da ética; 3) a própria noção de “sustentabilidade”.

Toda “modernidade” exige, como condição de sua emergência, uma ruptura na representação do tempo. Isso significa um movimento transformador na estruturação da identidade cultural. Metaforicamente, esse movimento exprime uma “migração” de um “território imaterial” consolidado em direção a um novo “território imaterial” de horizontes de expectativas e de experiências da vida humana em sociedade. Nessa “migração”, abandona-se a estrutura mítico-simbólica da repetição e da lógica do idêntico, assegurada pelas tradições, e ousa-se fazer nova morada na dialética entre o idêntico e o diferente.

O sentido originário da ética, no pensamento filosófico da Grécia Antiga, refere-se tanto à *physis* como ao *ethos*, ambas formas primeiras de presença do Ser. A *physis* é um domínio da necessidade, o *ethos*, em contraposição, rompe com esse quadro. Escapa do domínio da necessidade e da repetição determinista e torna possível o advento do diferente, do novo, como um domínio da liberdade aberto pela *práxis*.

Na tradição filosófica da Antiguidade, o *ethos* tem, ainda, um significado dual: 1) é a condição de existência de um mundo humanamente habitável; 2) é o comportamento humano feito hábito.

A *práxis* é a mediadora desses dois momentos constitutivos do *ethos*. Viabiliza a construção da “morada imaterial” de valores, no interior da qual os homens livres podem assegurar a continuidade de suas existências. Assegura também a estabilização da vida associada pela institucionalização de hábitos “virtuosos”.

No cerne de todo agir ético está o reconhecimento e a fixação de limites. A ética circunscreve e delimita o exercício de poderes. A perspectiva ética é, assim, eminentemente relacional e vincula-se às noções de alteridade e de vulnerabilidade, ou seja, a ética nasce nas relações entre o mesmo e o diverso e reconhece que essas relações podem ser ameaçadas de destruição. A ética reconhece as irreversibilidades e as assimetrias nos exercícios de poderes e, conseqüentemente, que o exercício do poder não assegura a sua legitimidade.

Em sentido contrário, os poderes da modernidade técnica crescem em um vácuo ético, por pretenderem desconhecer limites. Como uma possível alternativa de preenchimento desse vácuo, a ética socioambiental adquire um sentido emergencial. Os valores da ética socioambiental podem fundamentar a idéia da perenização da vida como o limite e valor mais alto do agir humano, em meio à vertiginosa espiral de poderes da modernidade técnica contemporânea.

O princípio “sustentabilidade” não se limita ao cálculo utilitarista das conseqüências de cursos alternativos de ação. Impõe, às racionalidades instrumentais das diversas práticas humanas (economia, política, ciência e tecnologia, etc.), fins e valores que lhes são extrínsecos. Em suma, não basta ser eficiente para ser sustentável, embora a eficiência seja requerida pela sustentabilidade. A sustentabilidade funda, portanto, um sentido ético-político para o desenvolvimento. Deve ser percebida como um fenômeno complexo de múltiplas dimensões (social, ecológica, político-institucional, econômica, cultural, etc.), integradas como “vasos comunicantes” de um sistema. Não é possível formular diretrizes políticas unidimensionais para o desenvolvimento sustentável fazendo de cada racionalidade instrumental das diversas práticas humanas uma “autarquia”.

A modernidade ética socioambiental afirma o valor da diversidade cultural e da agrobiodiversidade como patrimônio universal, o que pode entrar em relação tensa e conflitiva com algumas ideologias da “globalização”. Desse modo, os projetos de

desenvolvimento sustentável devem afirmar as identidades nacionais, regionais, locais, étnicas e religiosas presentes em cada sociedade.

CONCLUSÃO

Em movimentos distintos, ainda que inseparáveis, posto que interagem e retroagem mutuamente, anima-se, há décadas, os avanços das idéias contidas nos princípios do desenvolvimento sustentável, como um processo de construção social impulsionada pela utopia realista universal da contemporaneidade. Trata-se de uma utopia realista porque pensa, ao mesmo tempo, o real, o desejável e o possível, representada nos paradigmas de cooperação e solidariedade nas relações da humanidade entre si e com a biosfera.

É na afirmação do princípio da diferença entre o universal e o particular que devem estar fincadas as bases diretivas da construção da *Agroecologia*, pensadas e praticadas em nome do desenvolvimento sustentável. Isso significa que deve obedecer a dois princípios interdependentes: a ética da sustentabilidade, como valor universal; a afirmação da identidade local, nas suas particularidades históricas e regionais.

A sustentabilidade inscreve o princípio da modernidade ética como superação da modernidade técnica. O desenvolvimento sustentável está ancorado no mundo dos valores e das identidades culturais. Trata-se de um processo social de revisão dos paradigmas regentes das mentalidades, das concepções de mundo e dos hábitos cristalizados em cada um de nós. A reflexão sobre o desenvolvimento sustentável infunde o pensamento crítico e instiga a consciência da necessidade impreterível de reorganizações profundas na cultura e na pedagogia social.

Sob essa ótica, a Agroecologia na prática deve traduzir esse comprometimento em ações estratégicas, presididas por prioridades de cunho ético-político, a saber: deve favorecer o processo de conscientização informada dos agentes sociais envolvidos; deve favorecer a prática da orientação estratégica eticamente fundamentada na formulação, na implementação, no acompanhamento e na avaliação de suas práticas.

A internalização da ética socioambiental dar-se-á através de sua própria *práxis*, pela indução de ações, definidas em função de finalidades correspondentes e valores eticamente fundados na democracia participativa, em favor da construção da modernidade ética sustentável que permitirá a perenização da construção de processos de desenvolvimento rural sustentável.